REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v.4, n.4 - ago- dez, 2018
Missões

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: RELAÇÕES DE GÊNERO EM PAUTA

BULLYING IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: GENDER RELATIONS IN GUIDELINES

Recebido em 10/12/2018
Aceito em 01/02/2019

Jaqueline Carvalho Quadrado[1]
Ewerton da Silva Ferreira[2]
Eduardo Lima[3]

Resumo: Este trabalho busca promover uma reflexão em torno de questões referentes ao *bullying* no âmbito escolar. Resultado de uma pesquisa de cunho qualitativa descritiva que utilizou-se da metodologia etnográfica sobre "Fronteiras das relações de gênero e sexualidade em contexto escolar" - tomando como foco de investigação as oficinas Fala Sério. As cenas relatadas foram coletadas com alunos e alunas do curso normal (antigo magistério) em seis turma de uma escola estadual do noroeste gaúcho. Posto isso, visa-se discutir aqui os saberes e práticas – pautados na concepção de estudantes em formação de professores – tendo por intento problematizar as maneiras pelas quais os estudantes acabam por "instrumentalizar" determinadas representações sobre o "gênero". Concepções essas que, por sua vez, encontram-se muito mais ancoradas no senso comum, tal como se pode observar a partir das narrativas, do que nos próprios referenciais teóricos referentes aos próprios saberes em questão.

Palavras-chaves: Gênero; Bullying; Etnografia; Escola; Oficinas Fala Sério.

Abstract: This paper seeks to promote a reflection around issues related to school bullying. Result of an ethnographic research on "Frontiers of gender relations and sexuality in a school context" - focusing on Fala Sério workshops. The scenes reported were collected with students from the normal course at a state school in the northwestern part of the state of Rio Grande do Sul. The aim of this study is to discuss the knowledge and practices of students in teacher education, with the aim of problematizing the ways in which students end up "instrumentalizing" certain representations about "gender". These conceptions are, in turn, much more stated in common sense, as can be seen from the narratives, than in the theoretical references referring to the knowledge in question.

Keywords: Genre; Bullying; Ethnography; School; Workshops Speaks Seriously.

[1] Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília. Professora do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa, campus São Borja. Líder do GEEP – Grupo de Pesquisa em Gênero, Ética, Educação e Política. E-mail: jaquelinequadrado@unipampa.edu.br
[2] Mestrando em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Pampa, campus São Borja. Membro do GEEP-Grupo de Pesquisa em Gênero, Ética, Educação e Política. E-mail: ewertonferreira266@gmail.com
[3] Acadêmico do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa, campus São Borja. Bolsista do projeto de pesquisa Fronteiras das "Relações de Gênero no contexto escolar" – FAPERGS. Membro do GEEP – Grupo de Pesquisa em Gênero, Ética, Educação e Política. E-mail: elima2929@gmail.com

APONTAMENTOS INICIAIS

Bullying é um fenômeno que sugere atos de violência física ou verbal, que ocorrem de forma repetitiva e intencional contra uma ou mais vítimas. O fenômeno começou a ser estudado na Suécia, na década de 1970. Este estudo buscou investigar o *bullying* no âmbito escolar, sob a luz da reflexão que este tema recebeu nos últimos tempos na literatura, publicados em revistas científicas nacionais até julho de 2018, a fim de subsidiar a pesquisa etnográfica Relações de Gênero no contexto escolar. Para isso, pesquisamos a expressão " *bullying* escolar" nos bancos de dados do SciELO e Google Acadêmico. A revisão apontou que o fenômeno vem ganhando cada vez mais destaque nas publicações científicas, despertando o interesse de diferentes áreas de conhecimento, como a psicopedagogia, o direito, a educação física, pedagogia e o serviço social, que desenvolveram pesquisas a partir de diferentes métodos, objetivos e focos. A fundamentação teórica baseia-se nos estudos de gênero, que deve ser entendido como categoria relacional, isto é, diz respeito às relações sociopolíticas e culturais construídas entre homens e mulheres, mas também dos homens entre si e das mulheres e seus pares genéricos, o que significa dizer que o gênero perpassa todas as relações sociais, sendo a primeira forma de dar sentido tanto a tais relações como as de poder e de dominação. Tal é uma das definições de Scott (1995), que enfatiza ainda gênero como um dos três eixos fundamentais que estruturam a identidade do sujeito, seguido por classe e raça, aos quais se pode acrescentar geração, orientação sexual e religiosa.

As ações desenvolvidas na infância segundo Vygotsky (2007) tendem a influenciar na evolução das crianças e estão inteiramente ligadas à sua comunicação e interação com os demais indivíduos. Nesse sentido, o isolamento de estudantes dentro da escola devido a sua identidade de gênero, orientação sexual ou expressão de gênero podem desenvolver problemas psicológicos graves, visto que além do isolamento são frequentes as agressões físicas e verbais e em muitos casos até assédios sexuais. A principal consequência dessas ações é a evasão escolar e o desenvolvimento de Transtornos Mentais Comuns - TMC que tem ocorrido em estudantes seja da educação básica, graduação e pós-graduação, dentre outras manifestações.

O presente trabalho apresenta também resultados parciais do projeto de pesquisa “Fronteiras das relações de gênero e sexualidade em contexto escolar”, abordando de forma investigativa a questão articulada às temáticas da pré-adolescência, adolescência, relações de gênero e sexualidades. A execução processual da pesquisa envolve jovens de escolas públicas, compreendendo que os mesmos são sujeitos produtores de cultura e de sua própria história, em

uma articulação com a extensão universitária, visando o conhecimento e a intervenção na realidade das instituições de ensino em São Borja/RS.

As discussões deste trabalho estão relacionadas aos aportes teóricos das perspectivas assumidas com base nas produções de pesquisas do Grupo de Estudos em Ética, Educação e Política- GEEP/UNIPAMPA e do Programa de Extensão Mulheres Sem Fronteiras, sobre pré-adolescência, adolescência, educação, gênero e dentre outros temas transversais.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada consistiu em estudo bibliográfico, com abordagem qualitativa, uma vez que esta permite um aprofundamento na essência do tema proposto. Esta revisão bibliográfica refere-se aos conceitos de *bullying* escolar, nos bancos de dados do SciELO e Google Acadêmico, publicados em revistas científicas nacionais até julho de 2018, a fim de subsidiar a pesquisa etnográfica Relações de Gênero no contexto escolar. As fases da pesquisa ocorreram, respectivamente, a partir da identificação e localização de referencial teórico que abordasse o tema em estudo; do fichamento e do arquivamento do material encontrado; da obtenção das informações pertinentes ao estudo; e, por fim, da redação do trabalho. Após a compilação dos artigos, foi realizada a leitura deles e, posteriormente, uma análise de conteúdo temática (BARDIN, 2010), no sentido de buscar a compreensão crítica das comunicações e de suas significações.

As oficinas Fala Sério estão sendo desenvolvidas em quatro escolas públicas do município de São Borja/RS com estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio, de acordo com a prioridade apresentada pelo Serviço Orientação Educacional - SOE da unidade escolar. Ao final das oficinas estima-se que serão contemplados 400 alunos, no entanto o foco dos relatos está em alunos e alunas que assumam uma orientação sexual diferente da heterossexual e que sofrem preconceitos por viver sua masculinidade ou feminilidade de maneira diferente da heteronormatividade.

O método para coleta de dados é a pesquisa etnográfica e participativa, ou seja, aquela onde o pesquisador se insere na realidade onde está sendo desenvolvida a atividade. O material é coletado durante as oficinas Fala Sério, após e durante a exposição dos temas e discussões propostas pelo apresentador, os pesquisadores transcrevem relatos de alunos e alunas sobre suas experiências e reflexões sobre as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Além de cenas presenciadas ao longo da estadia nas escolas (recreios, preparação das oficinas,

conversas com estudantes, professores e gestores). Cabe destacar que todo material é registrado em diários de campo e seguido de uma teorização e, especialmente, uma reflexão crítica e propositiva de ações para apresentar à escola as informações coletadas. Nesse sentido, é fundamental realizar avaliação do conteúdo coletado em vista de um levantamento de dados com riqueza e veracidade, visto que "a pesquisa tem como foco os fatores (variáveis) que influenciam a opinião das crianças e adolescentes quanto à importância das fronteiras das relações de gênero no contexto escolar" (FERREIRA; QUADRADO, 2018, p. 1277). Dessa forma, o projeto consiste em uma ação indissociada de pesquisa e extensão que, sobretudo, oportuniza através da reflexão e planejamento de intervenções para transformar a realidade escolar local.

DISCUTINDO GÊNERO E *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR

O tema *bullying* tornou-se discutido a partir do massacre que ocorreu nos Estados Unidos, em 1999, no colégio Columbine High School, em Dever, Colorado. Os estudantes Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17, assassinaram 12 estudantes e um professor, deixaram mais de vinte pessoas feridas e em seguida se suicidaram. A motivação para o ataque seria vingança pela exclusão escolar que os dois teriam sofrido durante muito tempo. Investigações também apresentam que não eram somente eles, alvos de *bullying,* como também eram os próprios agressores de outras vítimas. De acordo com Catini (2004, p. 19) o *bullying* é compreendido "como comportamento de violência alicerçado e mantido por valores culturais do macrocontexto e, portanto, comparável com outras manifestações de violência não restritas ao contexto escolar".

A palavra *bullying* de origem inglesa é: utilizada para qualificar comportamentos violentos no ambiente escolar, familiar e de trabalho. Essas agressões ocorrem de forma verbal ou física ocasionando em suas vítimas diversos problemas, dentre eles, algumas doenças psicológicas como depressão, síndrome do pânico, fobia escolar, entre outros. Quem pratica, escolhem crianças que consideram "diferentes", as que são obesas, que têm melhores notas, vêm de uma minoria étnica social ou racial, as que sejam mais tímidas ou as que fogem do padrão heternormativo. Na verdade, os agressores precisam provar de alguma forma superioridade em relação aos demais. Em alguns casos, essas práticas são presenciadas em casa ou no meio onde o agressor está inserido, evidenciando assim a reprodução social da violência.

Destacam-se no *bullying* três personagens sendo eles: vítimas típicas são as que apresentam dificuldades na socialização, geralmente alunos tímidos ou reservados, que possuem dificuldades para reagir diante das agressões. Na maioria dos casos, são os mais frágeis fisicamente ou que apresentam alguma "marca" que os destaca dos demais.

Diversos alunos que são considerados agressores, necessitam simplesmente de afeto, o que pode ser deficitário em sua casa e na maioria dos casos reproduzem as relações sociais que estão a sua volta. Sendo assim, o aluno busca de alguma forma reproduzir essa relação afetiva. "O que lhes falta, de forma explícita, é afeto pelos outros. Essa afetividade deficitária (parcial ou total) pode ter origem em lares desestruturados ou no próprio temperamento do jovem" (SILVA, 2010, p .44). Os agressores possuem a necessidade de chamar atenção, O importante para eles é o público observando seu ato ou a vítima sendo reprimida. Em alguns casos os educandos que praticam o *bullying*. Por este motivo é importante salientar que os praticantes de ações agressivas necessitam de um cuidado especial, pois podem existir problemas maiores atrás desses casos.

As testemunhas das ações costumam ficar em silêncio por medo de sofrer ou serem tratadas como as "fofoqueiras", "dedo – duro", entre outros apelidos que recebem quem opta por ajudar as vítimas. Tendem, em ambos os ambientes (na escola e no lar), a se manter calados sobre o que sabem ou presenciam. Os mais ansiosos ou sensíveis contam casos e histórias de bullying, mas negam que sejam reflexo de sua vivência escolar (SILVA, 2010, p. 51).

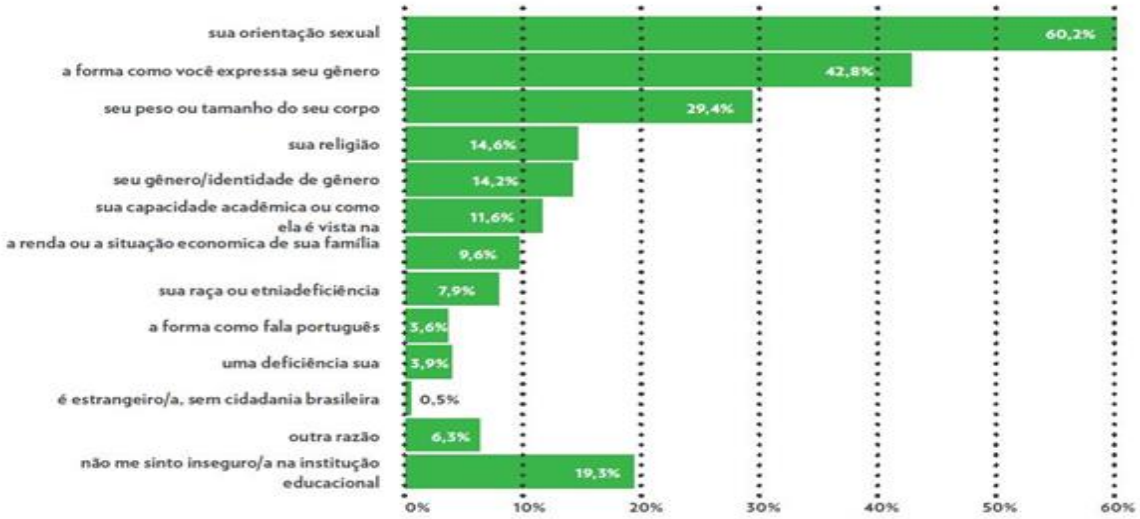
Durante muito tempo a práticas do *bullying* foram consideradas uma "simples brincadeira de crianças", que passaria com o tempo, no entanto as vítimas carregam marcas para a vida toda. São consideradas formas de *bullying* agressões verbais: insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos e zoar. Agressões físicas: bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences das vítimas. Agressões psicológicas e morais: irritar, humilhar, ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar, descriminalizar, aterrorizar, ameaçar, chantagear, intimidar, tiranizar, perseguir, difamar, fazer intrigas fofocas. Embora tais práticas estejam presente no ambiente escolar é fundamental a luta para combatê-las e reduzir, visto que a Constituição Federal de 1988 garante o direito à educação para todos os brasileiros e destaca que a escola deve garantir o acesso a permanência dos alunos (as) sem distinção de gênero, raça, religião ou orientação sexual.

> Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

> Art. 206 – O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
> I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; (BRASIL, 1998, s/p).

Os dados do *bullying* lgbtfóbico é possível ser comprovado através da pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais entrevistou 1.016 estudantes do Distrito Federal e de todos os estados brasileiros, exceto o Tocantins. O perfil etário dos participantes foi entre os 13 e 21 anos de idade e pertencente a população LGBTTIQ+ e demonstra as diversos aspectos relativos à permanência desse grupo alunos na escola. De acordo com a pesquisa os entrevistados assumem as seguintes identidades de gênero: 46,9% do gênero feminino; 32% do gênero masculino; 7,7% travesti ou transexual e; 13,1 % outra identidade de gênero. Além disso, a pesquisa aponta os fatores que fazem os estudante sentirem inseguros no ambiente escolar que são apresentados no gráfico 01.

Gráfico 1: Fatores que fazem os alunos/as se sentirem inseguros no ambiente escolar



Fonte: Pesquisa Nacional sobre o ambiente educacional no Brasil (2016).

Diante dos dados apresentados na pesquisa é fundamental compreender que a escola exerce papel fundamental para o desenvolvimento dos estudantes que fogem à norma heteronormativa. É notório o anseio dos estudantes no debate que envolve gênero e sexualidade e das diversas formas de expressar suas masculinidades e feminilidades, visto que muitos estão em fase de "descoberta" de suas sexualidades e "experimentações" de desejos sexuais. No

entanto, os professores (as) e gestão escolar, por muitas vezes, tenta impedir que a orientação sexual e identidade gênero seja manifestada dentro da escola. Os PCN destacam que

> A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela "invade" a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela (BRASIL, 1997, p. 292).

Ampliar as discussões de gênero e sexualidade é ampliar horizontes, construir consciência crítica e, sobretudo, democratizar a educação e possibilitar a permanência de alunos (as) LGBBTIQ+ no ambiente escolar. Além disso, os PCN evidenciam a abordagem de tais temas possibilitam o bem-estar de crianças e adolescentes em relação a sua sexualidade e orientação sexual.

> Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o "ficar" e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura (BRASIL, 1997, p. 293).

Com a inclusão dos temas na realidade escolar é perceptível a promoção do bem-estar dos alunos LGBTTIQ+, visto a possibilidade de expressar suas formas de ser, sentir e existir. Além da contribuição para a construção de um escola que respeite as diversidades presentes nela e, por conseguinte, na sociedade.

Assim, tendo em vista a relevância da discussão sobre esse tema tão presente na vida de crianças e adolescentes e que nem sempre é facilmente identificado, este estudo buscou investigar os artigos científicos sobre *bullying* escolar no cenário brasileiro, a fim de subsidiar a pesquisa intitulada relações de gênero no contexto escolar, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS, que está em fase inicial.

PROBLEMATIZANDO A PESQUISA

Ao trabalhar de forma imersiva os temas gênero, sexualidade, *bullying* lgbtfóbico e violência com os públicos pré-adolescentes e adolescentes, compreende-se que as escolas estão sob constante tensionamento, visto que a abordagem das relações de gênero e da sexualidade são normalmente excluídos dos currículos escolares. Mesmo assim, o público jovem se vê

constantemente imerso nesta atmosfera, devido principalmente ao grande número de alunos que se encontram fora da normatividade heterossexual.

De acordo com Louro os espaços escolares e, especialmente, os espaços escolares e do currículo são palcos dessa disputa.

> Esta disputa é travada, quotidianamente, em múltiplas instâncias sociais e, no currículo. De um lado, o discurso hegemônico remete à norma branca, masculina, heterossexual e cristã; de outro lado, discursos plurais, provenientes de grupos sociais não hegemônicos lutam para se fazer ouvir, rompendo o silenciamento a que foram historicamente submetidos. A escola e o currículo estão imersos em tudo isto, fazem parte deste jogo, portanto tem a possibilidade de alterar a configuração da luta (LOURO, 2000, p. 56).

Desde seu início, observou-se uma grande receptividade por parte das escolas da cidade, que, em sua grande maioria, aceitaram e oportunizaram os debates para os alunos, criando um espaço de geração de conhecimento mútuo entre bolsistas, alunos e professores da instituição. Isso pode se justificar na premissa de que a (des)construção de conhecimento gerado nestas exposições possibilita resultados positivos em relação à redução do *bullying* e discriminação com o público LGBTTQI+ no ambiente escolar, dado comprovado desde a primeira edição das oficinas "Fala Sério", que teve sua ocorrência há quatro anos. Seffner e Picchetti reiteram sobre a pluralidade de gêneros e vivências dentro do ambiente escolar, destacando a necessidade de uma maior aceitação local.

> A escola precisa rever seus regulamentos e modos de funcionamento para não beneficiar apenas àqueles tradicionalmente representantes da hegemonia. Nas questões de gênero e sexualidade, a norma atende pelo nome de heteronormatividade. Mas as escolas não são lugares onde apenas habitam meninos e meninas heterossexuais. E, mesmo estes, não têm todos os mesmos modos de viver sua masculinidade ou feminilidade (SEFFNER, 2016, p. 67).

Nessa perspectiva, compreendemos também que há, antes de quaisquer intervenções por parte das escolas ou fontes externas de ensino, uma predisposição do adolescente a engajar em discussões que contemplem os temas deste estudo. Estes contatos, viabilizados pela presença de ícones generificados presentes na cultura *pop,* conteúdos comunicativos, músicas, telenovelas, discussões familiares e outros, inserem o jovem em um universo de descobertas sobre si e também o que isso implica no parâmetro social. Para compreender os efeitos dessas articulações, Seffner e Picchetti (2016, p. 77) trazem que "há efetivamente uma distribuição de poder na sala de aula, que deriva dos atributos de gênero e sexualidade - bem como de cor da

pele, classe econômica, padrão estético e outros elementos". Entender a importância desses tensionamentos dentro do perímetro escolar ajuda também a criar um ambiente favorável à formação de sujeitos não preconceituosos, visto que a educação escolar é um componente obrigatório na hora da formação da identidade social do sujeito.

Considerando os dados coletados através da pesquisa etnográfica participativa, destacam-se alguns dos resultados parciais. Com a pesquisa realizada na escola 1, uma escola estadual localizada no centro da cidade, com nota alta no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, frequentada por alunos de classe média, tivemos um *quórum* de 22 pessoas, sendo autodeclarado pelos participantes, 19 mulheres e dois homens, sendo um deles abertamente declarado homossexual. Do público presente, a grande maioria dos participantes tinha acima da faixa dos 40 anos, visto que a oficina foi aplicada para os alunos do Magistério.

De praticamente todos os participantes da oficina foi perceptível a vontade de aprofundar os conhecimentos, e atenção na hora da apresentação. Dos 22 presentes, nenhum se ausentou durante a oficina, porém, tivemos duas participantes que chegaram um pouco depois do início da atividade.

Quanto aos relatos externados nas oficinas realizadas na escola 1, há um grande número de informações relevantes, porém, se ressaltará algumas, tais como, equívocos na compreensão das conceituações sobre as relações de gênero e sexualidade, no que diz respeito às modalidades, suas particularidades e reflexões dentro do ambiente escolar. O conceito com maior dificuldade de compreensão está ligado a identidade de gênero, visto que para os participantes o que determina o gênero é o sexo biológico. Por conta das experiências e dos casos da vida de cada um dos participantes, houve muitos relatos de situações de violência e intolerância, compartilhadas pelos alunos, trazendo riqueza para o debate.

Em uma das falas, podemos ver como a aluna A, relata em forma de "brincadeira" já ter sofrido violência em casa por parte de seu ex marido e enfatiza como o conhecimento destes tópicos é importante para o desenvolvimento pessoal. Ela traz:

> Eu já fui muito submissa dentro de casa, fazia dupla jornada por conta do meu ex marido, mas agora graças a deus *tô* livre, dei o grito da liberdade (ALUNA A, 2018).

Em outros momentos vimos também a preocupação de alguns alunos em relação à violência dos pais contra os filhos LGBTQ+ na infância, quando uma aluna, aqui posta como aluna B contou sobre uma situação que havia presenciado na escola em questão. Segundo ela:

> O guri veio de casa falando pro coleguinha que ele não podia fazer aquilo porque era coisa de *viado*, e eu não hora *botei* ele sentado e fiz ele pedir desculpas pro colega. Ele me disse que quem tinha dito aquilo pra ele foi o pai em casa, e eu na hora expliquei que não era assim. Hoje o guri é completamente diferente, *tá* mais respeitoso e tudo mais" (ALUNA B, 2018).

Na fala de uma outra aluna ela problematizou sobre os estereótipos atribuídos aos homens e mulheres e, principalmente, no que tange às diversas formas de masculinidades e feminilidades. De acordo com as falas, a orientação sexual das pessoas está definida apenas pela forma que ela se expressa, ou seja, homens que são mais afeminados automaticamente são homossexuais, e mulheres mais masculinas são lésbicas. É possível perceber isso na fala da Aluna C e D.

> Ele era mais afeminado, e eu nunca perguntei, um dia comentei que havia terminado meu relacionamento e que não tinha ninguém que prestasse. Ele disse que eu nunca deixei chance para ele. E eu larguei tu é puto. Ele disse eu sou homem e ele me largou a boca (ALUNA C, 2018).

> Ele era meu amigo que achava que era gay e ele era afeminado, rebolava mais que a gente, tive uma decepção na adolescência e estava desabafando, ele se declarou para mim. Eu disse que achava que ele era gay. Ele se ofendeu, mas depois conversamos e seguimos melhores amigos. Fortaleceu amizade. Passou alguns e apresentei minha amiga para ele, eles se casaram e viveram felizes para sempre. Acho que ele era assim, pois sempre morou com as irmãs e vivia com as mulheres (ALUNA D, 2018).

A partir de alguns dos depoimentos dos alunos que participaram da oficina, pode-se confirmar que as temáticas das relações de gênero e sexualidade estão sempre presentes no dia a dia na escola, seja em situações ocorridas dentro da sala de aula ou no âmbito das experiências e relações familiares de cada um. Ter a inserção dos aspectos conceituais da violência de gênero e a lgbtfobia dentro das salas de aula é o primeiro passo para garantir a formação do sujeito social que respeita, convive com as diferenças e não responde com violência aos casos de ruptura da normatividade.

APONTAMENTOS FINAIS

Ressalta-se que os temas relacionados ao *bullying* que foram objeto de discussão dos artigos, assim, observa-se a importância da escola estar atenta às manifestações deste tipo de violência, uma vez que esse fenômeno impacta na saúde (física e psíquicas), no social (relacionamentos, amizades, isolamento, etc), dentre outros impactos na vida dos sujeitos envolvidos.

Ainda é fundamental que mais estudos sejam realizados nessa perspectiva, envolvendo todos os atores que participam do *bullying*, a fim de subsidiar o trabalho no nível de políticas de prevenção, uma vez que esse fenômeno tem sido considerado um grave problema de saúde pública.

Igualmente, os estudos destacaram a importância de qualificar os professores, que, muitas vezes, não sabem identificar as situações de *bullying* nem lidar com elas. Além disso, a escola como um todo precisa ser repensada, no sentido de praticar não somente os conteúdos mínimos das diretrizes curriculares, mas também trabalhar pautada na importância da constituição dos princípios de tolerância e de respeito.

Os vários cenários vistos dentro das salas de aula apresentam diferentes desafios e realidades singulares para a docência, mas o estigma da generificação e da intolerância ao público LGBTQ+ ainda é, de longe, um dos maiores e mais antigos dramas da área. Tendo em mente que a escola não só faz parte do processo de construção do conhecimento do sujeito, mas também é palco para um defloramento de personalidades e comportamentos dos jovens, é reforçada a necessidade da renovação do ambiente escolar, valorizando sua pluralidade e quebrando os processos de supervalorização normativa e hegemônica.

Ao compreender a relevância destas intervenções para atingir um ambiente escolar plural, livre de preconceitos e que comporte adequadamente as diferenças de gênero, vemos que a execução das oficinas Fala Sério, assim como também outras intervenções que tragam estes temas para a sala de aula, são essenciais para a reflexão e combate à discriminação de gênero, como também para atingir um cenário favorável de conhecimentos sociais e humanos para os adolescentes.

Com a aplicação destas ações, somadas ao esforço da pesquisa especializada e a continuidade dos trabalhos de inclusão dos temas emergentes supracitados, será possível articular conhecimentos e viabilizar uma rede de combate à intolerância e ao *bullying* lgbtfóbico na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015:** as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

BRASIL. **Constituições Brasileiras: 1988.**vol. VII. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Orientação Sexual. 1997.

CATINI, Nilza. **Problematizando o "Bullying" para sociedade brasileira.** 2004. 183 f. Tese de Doutorado em Psicologia - Centro de Ciências da vida - Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas.

FERREIRA, Ewerton da Silva Ferreira; QUADRADO, Jaqueline Carvalho. I Seminário (Des)Fazendo Saberes na Fronteira: identidade, diversidade e direitos humanos. FERREIRA, Ewerton da Silva; QUADRADO, Jaqueline Carvalho. In. **I Seminário (Des)Fazendo Saberes na Fronteira: identidade, diversidade e direitos humanos.** Jaguarão: CLAEC, 2018.

_____. Fronteiras das relações de gênero e sexualidade em contexto escolar. In. Nós do Sul: Laboratório de Estudos e Pesquisas Sobre Identidades, Currículos e Culturas - FURG, Grupo de Pesquisa Corpus Possíveis - Educação, Cultura e Diferenças - UFOB (Organizadores). **SENACORPUS - Seminário Corpus Possíveis no Brasil Profundo.** Campina Grande: Realize Editora, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, Gênero e Sexualidade.** Porto: Porto Editora, 2000.

_____. (org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria Útil de Análise Histórica. **Educação e Realidade.** nº. 20,p. 71-99. 1995.

SEFFNER, Fernando; PICCHETTI, Yara de Paula. A quem tudo quer saber, nada se lhe diz: uma educação sem gênero e sem sexualidade é desejável?. **Revista Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 61-81. 2016.

SEFFNER, Fernando. Tem nexo não falar sobre sexo na escola?. **Revista Textual,** p. 22-29, 2017.

SILVA. Ana Beatriz Barbosa. **Bullying:** mentes perigosas nas escolas. 2. ed. São Paulo: Globo, 2015.

VYGOSKY, Lev S; COLE, Michael. [et al.] (Organizadores). **A formação social da mente.** 7ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.